

## **O esquema construcional $[[X]_N-[mor]_A]_N$ na história da língua portuguesa**

The constructional scheme  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  in the history of Portuguese

El esquema construccional  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  en la historia de la lengua portuguesa

### **Antonia Vieira dos Santos**

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

Universidade de Coimbra (UC/Portugal)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil)

### **Natival Almeida Simões Neto**

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/Brasil)

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil)

### **RESUMO**

Neste trabalho, pretende-se fazer uma análise das construções  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  na história da língua portuguesa, seguindo os pressupostos da Gramática de Construções, como abordada na Morfologia Construcional, pensada por Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2013) e Tavares da Silva (2019), e na Linguística Funcional Centrada no Uso, pensada por Traugott e Trousdale (2013), Oliveira (2017) e Rosário e Lopes (2019). Na abordagem construcional da linguagem, assume-se que uma construção deve ser instanciada por um esquema que pareia forma, função e significado. Nesse sentido, intenta-se analisar os aspectos semânticos, lexicais e morfossintáticos dos compostos  $[[X]_N-[mor]_A]_N$ . Usou-se o levantamento realizado por Santos (2009)

\* Sobre os autores ver página 140.



para os compostos nominais no português arcaico (séc. XIII-XVI), no qual figuram *alcaide-mor*, *alferez-mor*, *beesteiro-mor* e *camareira-mor*, *altar-mor* e *capela-mor*, entre outros. Para o português contemporâneo, procedeu-se a pesquisas em *corpus* disponibilizado na plataforma Linguateca e na rede social Twitter. Encontraram-se os seguintes exemplos: *ladrão-mor*, *sapatão-mor*, *pessimista-mor*, *metaleiro-mor*, *gastador-mor*, *cínico-mor*, *pinguim-mor* e *breguice-mor*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palavras compostas; Construções  $[[X]_N[mor]_A]_N$ ; Português arcaico; Português contemporâneo.

### ABSTRACT

*This paper aims at developing an analysis of constructions  $[[X]_N[mor]_A]_N$  in the history of the Portuguese language, following Construction Grammar's framework as it is approached in Construction Morphology, by Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2013) and Tavares da Silva (2019), and in Usage-Based Functional Linguistics, by Traugott and Trousdale (2013), Oliveira (2017) and Rosário and Lopes (2019). In the constructive approach to language, it is assumed that a construct must be instantiated by a scheme that pairs form, function and meaning. In this sense, we intend to analyze the semantic, lexical and morphosyntactic aspects of  $[[X]_N[mor]_A]_N$  compounds. The survey conducted by Santos (2009) for the nominal compounds in archaic Portuguese (13th-16th century) was used, containing forms such as *alcaide-mor*, *alferez-mor*, *beesteiro-mor* and *camareira-mor*, *altar-mor* and *capela-mor*, among others. For contemporary Portuguese, research based on corpora, available on the Linguateca platform and on the Twitter social network, was conducted. The following examples were found: *ladrão-mor*, *sapatão-mor*, *pessimista-mor*, *metaleiro-mor*, *gastador-mor*, *cínico-mor*, *pinguim-mor* and *breguice-mor*.*

**KEYWORDS:** Compound words;  $[[X]_N[mor]_A]_N$  Constructions; Archaic Portuguese; Contemporary Portuguese.

### RESUMEN

*En este trabajo, se pretende hacer un análisis de las construcciones  $[[X]_N[mor]_A]_N$  en la historia de la lengua portuguesa, siguiendo los supuestos de la Gramática de Construcciones, como se aborda en la Morfología Construccional, pensada por Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2013) y Tavares da Silva (2019), y en la Lingüística Funcional Centrada en el Uso, pensada por Traugott y Trousdale (2013), Oliveira (2017) y Rosario y Lopes (2019). En el enfoque constructivo del lenguaje, se asume que una construcción debe ser instanciada por un esquema que coincida con la forma, la función y el significado. En este sentido, se pretende analizar los aspectos semánticos, léxicos y morfosintácticos de los compuestos  $[[X]_N[mor]_A]_N$ . La encuesta realizada por Santos (2009) se utilizó para los compuestos nominales en portugués arcaico (siglos XIII-XVI), que incluyen al *alcaide-mor*, *alferez-mor*, *beesteiro-mor* y *camareira-mor*, *altar-mor* y *capela-mor*, entre otros. Para el portugués contemporáneo, se procedió a investigaciones en *corpus* disponible en la plataforma Linguateca y en la red social Twitter. Se encontraron los siguientes ejemplos: *ladrão-mor*, *sapatão-mor*, *pessimista-mor*, *metaleiro-mor*, *gastador-mor*, *cínico-mor*, *pinguim-mor* y *breguice-mor*.*

**PALABRAS CLAVE:** Palabras compuestas; Construcciones  $[[X]_N[mor]_A]_N$ ; Portugués antiguo; Portugués contemporáneo.

## 1 Considerações iniciais

Constitui nosso objetivo, neste trabalho, estudar o esquema construcional  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  na história da língua portuguesa, de modo a evidenciar que houve um processo de construcionalização, nos termos da teoria da mudança da Linguística Funcional Centrada no Uso. Significa dizer que a construção  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  passou por mudanças formais e semântico-funcionais ao longo do tempo. No português arcaico (sécs. XIII-XVI), observa-se o emprego quase sistemático de *mor* diante de substantivos correspondentes a profissões/ofícios, como *alcaide-mor*, *alferez-mor*, *beesteiro-mor*, *camareira-mor* entre outros, significando 'principal, chefe' (SANTOS, 2009). Os demais usos de *mor* em estruturas compostas verificaram-se em *altar-mor* e *capela-mor*, com substantivos que podem ser caracterizados como locativos. Também ocorre em *missa mayor*, com o emprego do antecedente histórico de *mor*, o qual será brevemente abordado neste artigo quando compararmos as construções  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  e  $[[X]_N-[maior]_A]_N$ .

Sendo, assim, bastante restritivos os contextos de *mor*, pareceu-nos que este elemento seria pouco produtivo na formação de novos compostos no português contemporâneo<sup>1</sup>, tendo em vista o desaparecimento de muitas profissões existentes no período medieval e, ainda, a possibilidade da substituição de *mor* por *chefe* na atualidade (*editor-chefe*, *enfermeiro-chefe*, *analista-chefe*, *cirurgião-chefe* etc.). No entanto, ao procedermos à pesquisa de *mor* nos corpora CETENFolha e do CETEMPúblico da plataforma Linguateca, registramos mais de 200 formas, como, por exemplo, *articulador-mor*, *cozinheiro-mor*, *antagonista-mor*, *pessimista-mor*, *serelepe-mor*, *supersticioso-mor*, *fetiche-mor*, *cínico-mor*, *pinguim-mor*, *questão-mor*, *feminista-mor*, em que estão em jogo não somente nomes correspondentes a profissão/ofício, mas também nomes abstratos, o que atribui a essas formas um caráter menos objetivo. As redes sociais, notadamente o Twitter, também forneceram abonações desse novo uso: *breguice-mor*, *diva-mor*, *falsiane-mor*, *ladrao-mor*, *pegação-mor*, *viado-mor*, entre outras. Neste artigo, procuramos mostrar que a mudança semântico-funcional por que passa a construção  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  repercute em mudança de natureza morfosintática. Estamos a nos referir, especificamente, a propriedades flexionais. Por se tratar de um composto  $[NA]_N$ , a flexão de plural nos dois termos é previsível. No entanto, os dados evidenciaram a existência de duas formas de pluralização: (i) o plural incide sobre os dois constituintes (*correio<sub>s</sub>-more<sub>s</sub>*, *capela<sub>s</sub>-more<sub>s</sub>*) e (ii) o plural incide apenas sobre o núcleo nominal (*correio<sub>s</sub>-mor*, *capela<sub>s</sub>-mor*).

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, são apresentados alguns comentários sobre a abordagem construcional da gramática, no que diz respeito à morfologia e à mudança linguística. Esta seção subdivide-se em (i) pressupostos teóricos da morfologia construcional e (ii) A abordagem construcional da mudança linguística e a aplicação aos estudos morfológicos. Na seção 2, inicia-se a discussão sobre o vocábulo *mor* e alguns aspectos da composição. Na seção 3, apresentam-se os dados do português

<sup>1</sup> Segundo Vasconcellos (1911, p. 154), "[n]a língua moderna ficou *mór* apenas em nomes compostos que se applicam, quer a cargos de caracter mais ou menos antiquado, como *bibliothecario-mor*, *guarda-mor*, *mordomo-mor*, quer a objectos do mesmo caracter, como *altar-mor*, *capella-mor* [...]".

arcaico, acompanhados de linguísticos e da análise construcional. Nas duas seções a seguir, são apresentadas breves notas sobre as construções  $[[X]_N\text{-}[mor]_A]_N$  nos séculos XVI, XVII e XVIII, XX e XXI. A seção 6 divide-se em (i) Análise dos dados da Linguateca: o português do século XX e (ii) Análise dos dados do Twitter: o português brasileiro do século XXI. Na última seção, são apresentados comentários sobre a mudança linguística nas construções com *mor*. Em seguida, são apresentadas as considerações finais e as referências.

## 2 Comentários sobre a abordagem construcional da gramática: morfologia e mudança linguística

Nesta seção, são apresentados os pressupostos teóricos da abordagem construcional da linguagem, nas perspectivas da Morfologia Construcional e da Linguística Funcional Centrada no Uso.

### 2.1 Pressupostos teóricos da Morfologia Construcional

A Morfologia Construcional (MC) é uma proposta de descrição morfológica que vem sendo desenvolvida por Geert Booij, linguista holandês, desde 2005. O livro *Constructional Morphology*, de Booij (2010), é certamente a obra de referência para a compreensão desse modelo. Baseando-se no entendimento da construção como um pareamento de forma e significado, tal qual defende Goldberg (1995, 2006), Booij (2010) sugere um modelo de morfologia que articula aspectos fonológicos, morfossintáticos e semânticos. No Brasil, essa proposta tem sido seguida por alguns estudiosos, como Gonçalves e Almeida (2013), Soledade (2013), Gonçalves (2016), Simões Neto (2017), Lopes (2018) e Tavares da Silva (2019).

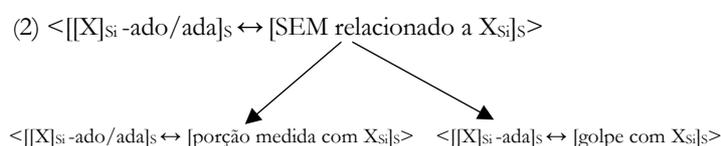
A abordagem construcional da morfologia opera com a noção de esquema morfológico, uma representação formal da apreensão que o falante faz de formas em uso. Nessa representação/apreensão, estão incluídos os aspectos formais, funcionais e semânticos. Assim, um falante do português que ouve formas como *orelbudo*, *navigudo*, *barrigudo* e *bigodudo*, é capaz de apreender um esquema como o representado em (1).

$$(1) \quad <[[X]_{Si} \text{-udo}]_A \leftrightarrow [\text{que tem } X_{Si} \text{ grande}]_A >$$

Nos esquemas, os símbolos de menor que e maior que  $< >$  servem para delimitar a construção. O X significa a parte variável do esquema. Em (1), a parte variável é a base (input) e a parte fixa é o sufixo. A seta dupla ( $\leftrightarrow$ ) é utilizada para estabelecer o pareamento entre a parte formal e a parte semântico-funcional.

Ainda sobre esse esquema em (1), pode-se dizer que ele agrupa várias informações relativas às construções *X-udo*. Ele mostra a forma fonológica recorrente, o sufixo *-udo*, as categorias lexicais da base (substantivo) e do produto derivado (adjetivo) e o significado básico que permite associar todos os construtos instanciados por essa fórmula. Apreendido esse esquema em (1), o

falante do português poderá não só interpretar formas que nunca ouviu, como também poderá criar formas a partir desse esquema, como *xerecuda* (mulher que tem a vagina grande), *batatudo* (pessoa que tem a panturrilha grossa), *roludo* (homem que tem o pênis grande) e *suvacudo* (pessoa que tem o sovaco grande). Todas essas formas são encontráveis em páginas e redes sociais da internet. O modelo construcional de Booij (2010) tem sido uma ferramenta teórica elegante para tratar questões de polissemia na formação de palavras. Ao se deparar com formas construídas com o sufixo *-ado/-ada*, o falante pode apreender um esquema que reúne tanto as formas relacionadas a porções, como *colherada*, *garfada*, *punhado* e *bocado*, quanto as formas que se referem a golpes, como *facada*, *punhalada* e *pancada*, *garrafada*. Dessa maneira, um esquema com essas construções  $[[X]_{si}-ado/ada]_s$  deve ser representado como em (02):



A representação em (2) permite dar conta da polissemia na construção de palavras, ressaltando a conexão entre os significados. A proposta apresentada no modelo booiijiano ainda não abre espaço para explicar como esses significados se relacionam, se por metáfora, se por metonímia, se por qualquer outro mecanismo cognitivo. Mesmo com essas lacunas, a MC tem sido útil para quem busca uma descrição morfológica que se pauta no uso e que coloca o significado em posição de destaque.

## 2.2 A abordagem construcional da mudança linguística e a aplicação aos estudos morfológicos

As questões da mudança linguística no âmbito da teoria construcionista vêm sendo desenvolvidas por autores como Bybee (2016[2010]), Traugott e Trousdale (2013), Oliveira (2017) e Rosário e Lopes (2019), que se inserem na chamada Linguística Funcional Centrada no Uso, que mescla pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, da Gramática de Construções e da Linguística Funcional.

A partir dos trabalhos de Traugott e Trousdale (2013), que ressoam nas análises de Oliveira (2017) e Rosário e Lopes (2019), a mudança têm sido explorada sob duas etiquetas: a *mudança construcional* e a *construcionalização*. Na *mudança construcional*, a mudança acontece em um dos polos da construção: muda somente a parte formal ou muda somente a parte semântico-funcional. Na *construcionalização*, a mudança deve acontecer nos dois polos.

Essas abordagens da mudança, com esses rótulos, ainda têm sido pouco utilizadas no âmbito da MC. Um exemplo pode ser visto com Simões Neto (2019), que trabalhou com compostos do tipo  $[[X]_N$  de Taubaté] $_N$ , como *hetero de Taubaté*, *crente de Taubaté*, *conservador de Taubaté* e *facada de Taubaté*. Essas realizações têm como motivação o episódio da falsa grávida de Taubaté, uma mulher dessa cidade do interior paulista que forjou uma gravidez múltipla em rede nacional. A partir desse acontecimento, o uso do *de Taubaté* já não se refere

à cidade, mas a algo fajuto ou falso. A pessoa designada como *betero de Taubaté* seria uma espécie de falso heterossexual. Na interpretação de Simões Neto (2019), nesse fenômeno, acontece uma mudança construcional, pois acontece um deslocamento da parte semântica do esquema, motivado por um fato com grande repercussão popular.

### 3 Sobre o formativo *-mor* e os aspectos composicionais

O item *mor* é um adjetivo de dois gêneros, historicamente desenvolvido a partir de *maior*. O seu desenvolvimento histórico inclui processos fonéticos de síncope, assimilação e crase, podendo ser representado como em (3).

$$(3) \quad \textit{maioirem} > \textit{maior} > \textit{maor} > \textit{moor} > \textit{mor}$$

Conforme o dicionário Houaiss e Villar (2009, *s.u.* *mor*), o item *mor* é datado de 1365 e pode ser usado posposto a substantivos, ligando-se a esses por meio de hífen, como em *capitão-mor* e *alferes-mor*. Nesses casos, os compostos designam alguém hierarquicamente superior. A ideia de hierarquia manifesta-se de forma sintética, pois é como se a estrutura N-*mor* correspondesse correspondesse a "o N mais importante do conjunto de N existentes".

No dicionário de Corominas e Pascual (1980-1991), informa-se, na microestrutura do verbete *mayor*, que a forma *maor* é leonesa e que, no galego-português, período que abrange os séculos XIII e XIV, era comum a variação entre *maior*, *maor* e *mor*. Essa informação pode ser comprovada no trabalho de Santos (2009), que apresenta um *corpus* robusto de compostos no português arcaico, incluindo o padrão N-*mor*. Nos dados recolhidos pela autora, são vistas as variações entre *alcaide-moor* e *alcayde mayor*, *altar-mor* e *altar mayor*, *capela-moor* e *capella mayor* e *moordomo mayor* e *mordomo-mor*. A partir desses dados de Santos (2009), pode-se compreender também que o *mor* não se adjungia somente a nomes que designavam profissões e ofícios, mas estes eram predominantes.

Romerito Silva (2015), ao propor uma escalaridade do grau em português, sugere que o *-mor* integre o grupo dos elementos de grau de nível máximo, junto com o prefixo *arqui-* e estruturas como *o maior*, *o mais*, *um completo*, *plenamente*, *inteiramente* etc. Com a notação *-mor*, não se sabe que estatuto morfológico o autor atribui ao *mor*, se o considera um sufixo ou uma base que se realiza sempre à direita em estruturas compostas.

Neste trabalho, defende-se que, do ponto de vista da organização morfológica, o padrão N-*mor* seja um instanciador de compostos sintagmáticos do tipo NA (nome-adjetivo), nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016), ainda que se reconheça que o estatuto morfológico de *mor* não é totalmente claro.

Sobre a composição sintagmática, Ribeiro e Rio-Torto (2016) a definem como um tipo de composição em que os elementos justapostos apresentam configurações estruturais que atendem ao padrão sintagmático da língua, como NA (*mão dupla*, *amor perfeito*), AN (*alto-relevo*, *mau agouro*), NprepN

(*copo-de-leite, língua de vaca*), NprepV (*máquina de lavar, goma de mascar*) e NumN (*mil-folhas, primeiro ministro*), diferenciando-se da composição morfossintática, em que os princípios de organização sintagmática da língua são transgredidos, como nos padrões VN (*conta-gotas, saca-rolhas*), NN (*outono-inverno*), AA (*surdomudo*) e VV (*vaivém*).

- são constituídas por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais;
  - assentam numa forte coesão formal interna (ordem imutável, opacidade interna acentuada, total ou intensa, com grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior, escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto);
  - exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/holístico, umas vezes composicional, outras lexicalizado/cristalizado em graus variáveis.
- (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 462).

Com base nas compreensões de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e na abordagem construcional da morfologia (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016), este trabalho assume a existência de um esquema morfológico  $[[X]_N-[mor]_A]_N$ , capaz de instanciar construtos com significados diversos. A descrição desses significados e de outros aspectos relativos às construções será apresentada nas próximas seções.

#### 4 As construções $[[X]_N-[mor]_A]_N$ no português arcaico: apresentação dos dados, comentários linguísticos e análise construcional

Como já dito na introdução, os dados do português arcaico utilizados neste trabalho são oriundos da tese de doutorado de Santos (2009), que aborda a composição nominal no referido período da língua. Os exemplos coletados do trabalho da autora estão apresentados no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1.** Construções  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  no português arcaico

alcaydaria-moor
alcaide(s)-mor(es) ~ alcayde(s)-mor(es) ~ alcaide-moor ~ alcayde-moor ~ alcaide mayor ~ alcayde mayor
alferez-mor
altar-mor ~ altar mayor
beesteiro-mor
camareira-mor
capela-moor ~ capella-moor ~ capella mayor
capelão-mor ~ capelão-moor ~ capelam-mor ~ capellam moor
capitão-mor ~ capitão-moor ~ capitam-mor ~ capitam moor ~ capitã moor
chanceler-mor ~ chanceler-moor ~ chancellor-moor ~ chançarel-mor
comendador-mor ~ cômendador-mor ~ comendador-moor
contador mor ~ contador-mor ~ contador moor
copeiro-moor
coronista-moor
missa maior ~ missa mayor
mordomo-mor ~ mordomo-moor ~ moordomo mayor
oficiaes-mores ~ officaes-moores ~ officiaes-mores
porteiro(s)-mor(es) ~ porteiro-moor ~ porteyro(s)-mor(es)
reposteiro-moor ~ rreposteiro-moor
sororgiam-mor
tesoureiro-moor ~ thesoueiro-moor

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos dados de Santos (2009).

Com base nesses dados, é possível fazer alguns comentários sobre o esquema  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  no período arcaico. O primeiro comentário é que o formativo se adjungia sempre a bases substantivas para formar novos substantivos. Isso pode parecer óbvio, pois essa informação já consta da representação do esquema, entretanto é válido salientar que em compostos com o padrão [NA], o substantivo se impõe como núcleo, percolando para o produto propriedades morfossintáticas e semânticas.

O segundo ponto a ser observado é que, do ponto de vista semântico, o *mor* parece selecionar, preferencialmente, bases de significado agentivo-profissional. Nesses casos de designações de profissões e ocupações, as formas  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  apontam para uma compreensão de que o construto caracteriza uma espécie de ‘o mais importante’ ou ‘o chefe’ daquela categoria. São os casos de *alcaide-mor*, *alferez-mor*, *beesteiro-mor*, *camareira-mor*, *capelão-mor*, *capitão-mor*, *chanceler-mor*, *comendador-mor*, *contador mor*, *copeiro-moor*, *coronista-moor*, *mordomo-mor*, *oficiais-mores*, *porteiro-moor*, *reposteiro-moor*, *sororgiam-mor* e *tesoureiro-moor*.

Cabe ressaltar que a noção de ‘chefe’ só é compatível nas designações de profissionais. Em *alcaydaria-moor*, *altar-mor*, *capela-moor* e *missa mayor*, parece valer a ideia de que se trata do mais importante ou mais alto na hierarquia ou grau de importância.

Ainda sobre o aspecto semântico das construções, é observável que a adjunção do formativo *mor* a uma base não promove deslocamento de categoria semântica. Isso significa que se a base for um agentivo a forma complexa  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  também será um agentivo. Esse comportamento também aproxima o *mor* de sufixos avaliativos, como *-inho*, *-ão*, *-íssimo* e *-érrimo*.

O terceiro ponto observado diz respeito à variação entre *mor*, *moor* e *maior*. Essa variação atestada permite visualizar a trajetória fonética de *maior* a *mor*. Nota-se, em termos quantitativos, uma prevalência quase categórica do *mor*, o que sugere que essas construções já se encontravam relativamente cristalizadas no português arcaico.

O quarto ponto que merece destaque é a pluralização das estruturas compostas. Os exemplos de *alcaide(s)-mor(es)*, *oficiais-mores* e *porteiro(s)-mor(es)* sugerem que havia a concordância sistemática entre o substantivo e o adjetivo *mor*. Essa tendência é sugerida pelas normas gramaticais, porém não tem sido vista nos usos contemporâneos dessa construção, como se verá mais adiante. Por último, apresenta-se, em (4), a representação esquemática do que se entende como sendo o funcionamento das construções  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  no português arcaico.

(4)  $\langle [[X]_{Ni} - [mor]_{Aj}]_{Nj} \leftrightarrow [O \text{ MAIS IMPORTANTE da categoria SEM}_{Ni}Nj] \rangle$

## 5 Breves notas sobre as construções [[X]<sub>N</sub>-[mor]<sub>A</sub>]<sub>N</sub> nos séculos XVI, XVII e XVIII

O fim do português arcaico, segundo Mattos e Silva (2008), é marcado pelo início das reflexões metalinguísticas, vistas, por exemplo, na *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, na *Grammatica da língua portuguesa* (1540), de João de Barros (1540), e no *Dictionarium latino-lusitanicum et vice versa lusitanico-latinum* (1562), de Jerónimo Cardoso.

Posteriormente, apareceram obras, como: (i) o *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau; (ii) o *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro* (1789), de António de Moraes Silva; (iii) *Elucidario das palavras, termos e phrazes, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam* (1798), de Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Mais precisamente nas obras de Jerónimo Cardoso (1570) e Raphael Bluteau (1712-1728), são encontradas formas como *físico mór*, *chançarel mór*, *cozinheyro mór*, *cossayro mór*, *cantor mór*. Cabe mencionar que esses lexicógrafos associam as construções [[archi-[X]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>, em que figura o prefixo grego *archi*- 'primazia, proeminência', a construções [[X]<sub>N</sub>-[mor]<sub>A</sub>]<sub>N</sub>. Cardoso, por exemplo, relaciona *archipirata* com *cossayro mór*, *archiater* com *físico mór*, *archigramateus* com *chançarel mór* e *archimagirus* com *cozinheyro mór*. Bluteau faz o mesmo com *arquicantôr*: 'Responde ao que nos seus córos chamaõ alguns Frades *Cantor mór*'. Essa sinonímia historicamente atestada entre o esquema compositivo [[X]<sub>N</sub>-[mor]<sub>A</sub>]<sub>N</sub> e o esquema prefixal [[archi-[X]<sub>N</sub>]<sub>N</sub> corrobora a análise de Romerito Silva (2015), que coloca os dois formativos no grupo dos elementos com nível máximo na escala de grau do português.

Do ponto de vista semântico, os compostos listados pelos autores sinalizam a continuidade da recorrência de bases agentivas no esquema [[X]<sub>N</sub>-[mor]<sub>A</sub>]<sub>N</sub>, uma vez que todos os exemplos designam profissões, ocupações ou cargos.

## 6 As construções [[X]<sub>N</sub>-[mor]<sub>A</sub>]<sub>N</sub> no português dos séculos XX e XXI

Para os séculos XX e XXI, foi constituído um *corpus* a partir de duas fontes de dados. A primeira fonte foi a Linguateca, mais precisamente os corpora CETENFolha e o CETEMPúblico, que disponibilizam, respectivamente, cerca de 24 milhões de palavras do português brasileiro e 180 milhões do português europeu, oriundas de edições do século XX dos jornais Folha de São Paulo e Público. A segunda fonte foi o Twitter, que nos forneceu dados com *mor*, *mores*, *maior* e *maiores*, a partir da utilização da ferramenta de busca dessa rede. A seção se divide em três partes: a primeira subseção analisa os dados da Folha de São Paulo e do Público (século XX e contexto mais formal); a segunda analisa os dados do Twitter correspondentes ao português brasileiro (século XXI e contexto mais informal); e a terceira faz comentários acerca da mudança linguística.

### 6.1 Análise dos dados da Linguateca: o português brasileiro do século XX

Se, no português arcaico, os principais grupos semânticos das palavras às quais o *mor* se adjungia eram agentes profissionais e locativos, no português brasileiro do século XX, vê-se uma proeminência de agentes caracterizados com base em qualidades, atributos e hábitos, como *pessimista-mor*, *serelepe-mor*, *supersticioso-mor*, *enganadores-mor*, *cínico-mor*, *vilão-mor*, *explorador-mor* e *folião-mor*. Na literatura morfológica, esses agentes são chamados de habituais. Outro grupo proeminente foi o de bases abstratas que designam sentimentos, eventos e ações, como em *fetiche-mor*, *jargão-mor*, *virtuoso-mor*, *objectivo-mor*, *sentido-mor*, *pecado-mor*, *gaffe-mor*, *boato-mor*, *assunto-mor* e *disparate-mor*.

Em termos de esquematização, não parece adequado assumir a contraparte semântica desses construtos como O MAIS IMPORTANTE DA CATEGORIA. Parece que a verticalidade percebida no esquema de hierarquização dá lugar a uma horizontalidade em um esquema que mescla intensificação e avaliação. Nos dados do português arcaico, não parece haver um aspecto avaliativo e intensificador como se vê nesses novos construtos. Dessa maneira, uma nova fórmula esquemática é proposta em (5).

$$(5) <[[X]_{Ni} - [mor]_A]_{Nj} \leftrightarrow [O \text{ MAIOR/O MAIS PROEMINENTE DE SEM}_{Ni}]_{Nj}>$$

Um ponto que merece comentário sobre os dados da Linguateca é a variação na realização do plural dessas formas compostas  $[[X]_N - [mor]_A]_N$ . No Quadro 2, apresentam-se os dados contrastados.

**Quadro 2.** A realização do plural nas construções  $[[X]_N - mor]_N$  do português do século XX

$[N_{pl} + mores_{pl}]$	$[N_{pl} + mor_{sg}]$
capelas-mores	capitães-mor
correios-mores	correios-mor
monteiros-mores	enganadores-mor
retábulos-mores	mecenas-mor
sargentos-mores	peregrinos-mor
	perseguidores-mor
	responsáveis-mor
	sacerdotes-mor
	sargentos-mor

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos dados da Linguateca.

É notável nos dados da Linguateca apresentados no Quadro 2 que, mesmo em contextos de escrita mais formais, onde se espera uma maior adequação à norma-padrão da língua, a realização do plural nos dois elementos dos compostos  $[[X]_N - [mor]_A]_N$  não acontece. Isso talvez se deva a uma reanálise que o falante faz da construção, e as construções  $[[X]_N - [mor]_A]_N$  estariam passando por uma mudança de estatuto morfológico.

Ao que tudo indica, o falante deixa de ver o elemento *mor* como um adjetivo variável. Nessa circunstância, *mor* apresenta, do ponto de vista morfológico, o comportamento de um advérbio, caracterizado pela invariabilidade. Por outro lado, *mor* ocupa uma posição fixa, à direita da base, à maneira de um sufixo, ocorrendo apenas na construção  $[[X]_N-[mor]_A]_N$ . Apesar de adquirir uma feição de sufixo, mantendo um paralelismo semântico com o prefixo *arqui-* (cf. *arqui-inimigo* vs. *inimigo-mor*), a pluralização apenas do primeiro constituinte – *peregrinos-mor*, por exemplo – constitui um argumento contra essa leitura. Assim, a construção  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  pode ser reesquemmatizada como  $[[X]_N-mor]_N$ , em que o *mor* deixa de levar um índice marcador da categoria de adjetivo, tendo em vista a dificuldade de precisar, no momento, o seu estatuto morfológico.

### 6.2 Análise dos dados do Twitter: o português brasileiro do século XXI

Os dados coletados no Twitter foram analisados sob duas perspectivas. A primeira foi a de variação na realização do plural, e a segunda foi a de concorrência com estruturas do tipo  $[[X]_N [maior]_A]_N$ .

**Quadro 3.** A realização do plural nas construções  $[[X]_N-mor]_N$  do português brasileiro do século XXI

Forma $[[X]_N-mor]_{Nsg}$	$[N_{pl} + mor_{pl}]$	$[N_{pl} + mor_{sg}]$
breguice-mor	sem ocorrência	breguices-mor
defensora-mor	sem ocorrência	defensoras-mor
diva-mor	sem ocorrência	divas-mor
falsiane-mor	sem ocorrência	falsianes-mor
ídola-mor	sem ocorrência	íдолas-mor
ladrao-mor	sem ocorrência	ladroes-mor
palhao-mor	sem ocorrência	palhaoes-mor
pegaao-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
presidenta-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
presidente-mor	sem ocorrência	presidentes-mor
puteiro-mor	sem ocorrência	sem ocorrência
sapatao-mor	sem ocorrência	sapatoes-mor
viado-mor	sem ocorrência	viados-mor

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de ocorrências no Twitter

As realizações no Twitter são dados de falantes fazendo uso da língua em caráter informal. Nenhuma das realizações encontradas é oriunda de órgãos de imprensa, canais de comunicação governamentais, entre outros congêneres.

Nesses contextos, percebe-se que não se realiza a marcação do plural nos dois elementos dos compostos. Ao se buscar *mores* no sítio, todas as ocorrências são de uma variante da palavra *amores* com uma perda do fonema inicial, como em “Azar de quem perdeu, né, *mores*?”. Essa não realização categórica reforça a hipótese de que o adjetivo *mor* foi reanalisado, ao menos no português brasileiro.

No Quadro 4, a seguir, são apresentados dados do padrão  $[[X]_N [maior]_A]_N$ , também oriundos do Twitter. Nesse quadro, estão informações sobre a realização do padrão no singular e no plural, com a marcação nos dois ou apenas no primeiro elemento da estrutura sintagmática.

**Quadro 4.** A realização do plural nas construções  $[[X]_N [maior]_A]_N$  do português brasileiro do séc. XXI

Forma maior] <sub>SN</sub>	$[[X]_N$	Ocorrência da forma no singular	$[N_{pl} + maiores_{pl}]$	$[N_{pl} + maior_{sg}]$
breguice maior		sem ocorrência	sem ocorrência	sem ocorrência
defensora maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
diva maior		forma realizada	divas maiores	divas maior
falsiane maior		forma realizada	falsianes maiores	sem ocorrência
ídola maior		forma realizada	íдолas maiores	íдолas maior
ladrão maior		forma realizada	ladrões maiores	ladrões maior
palhaço maior		forma realizada	palhaços maiores	sem ocorrência
pegação maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
presidenta maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
presidente maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
puteiro maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
sapatão maior		forma realizada	sem ocorrência	sem ocorrência
viado maior		forma realizada	viados maiores	viados maior

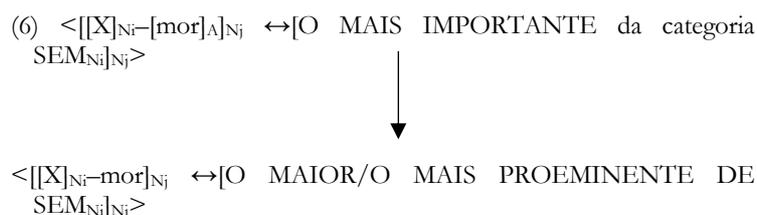
Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de ocorrências no Twitter

A partir da comparação entre os dados do Quadro 2 e do Quadro 3, pode-se assumir que há uma correlação entre os padrões  $[[X]_N\text{-mor}]_N$  e  $[[X]_N [maior]_A]_N$ , porém os dois têm comportamentos morfológicos distintos. Se, com o padrão  $[[X]_N\text{-mor}]_N$ , a marcação do plural nos dois elementos, categoricamente, não acontece no português brasileiro do século XXI, com o padrão  $[[X]_N [maior]_A]_N$ , a situação é um pouco diferenciada, pois há frequência maior do padrão com marcação de plural nos dois elementos, ainda que exista quase a mesma quantidade de realizações da marcação do plural apenas no primeiro elemento. Essa diferença se deve provavelmente ao fato de o item *maior* ser bastante usual como forma livre na língua, contrariamente a *mor*, que ocorre apenas na construção  $[[X]_N\text{-mor}]_N$ .

### 6.3 Comentários sobre mudança linguística nas construções com *mor*

Com base no que foi exposto, ao longo do trabalho, entende-se que, no caso das formas construídas com o elemento *mor*, houve historicamente um processo de construcionalização, uma vez que há mudanças tanto no polo formal quanto no polo semântico-funcional. No que toca ao polo formal, destaca-se o fato de o adjetivo *mor* ser reconhecido como tal no português arcaico, o que parece já não acontecer no português contemporâneo, em que tem sido analisado como uma forma invariável.

Do ponto de vista semântico-funcional, nota-se que o significado O MAIS IMPORTANTE numa escala hierárquica-vertical se transforma em O MAIS PROEMINENTE numa perspectiva mais horizontalizada. Cabe mencionar que, nesses usos mais contemporâneos, há uma subjetividade/avaliatividade maior, geralmente compartilhada pelos falantes em interação, o que não acontece nas formas do português arcaico, que parecem se valer de mais objetividade. Representa-se, em (6), a trajetória do esquema estudado ao longo deste artigo.



## 7 Considerações finais

Neste trabalho, procuramos mostrar que o esquema construcional  $[[X]_N-[mor]_A]_N$  passou por um processo de construcionalização na história da língua, ocorrendo mudanças tanto no polo formal quanto no polo semântico-funcional. No português arcaico, predominava, na posição de "X", substantivos denominadores de profissões e ofícios, como *alcaide*, *alferez*, *beesteiro*, *camareira*, *capelão*, *capitão*, *chanceler*, *comendador*, *contador*, *copeiro*, por exemplo, e *mor* era reconhecidamente um adjetivo carregando o significado 'o mais importante'. Quando olhamos para os dados do português contemporâneo, aqueles fornecidos tanto pela Linguateca quanto pelo Twitter, percebemos que *mor* passa a se ligar principalmente a bases que designam qualidades, atributos e hábitos, como *pessimista*, *serelepe*, *supersticioso*, *cínico*, *vilão*, *explorador* e *folião*, e, ainda, a substantivos de base conceitual mais abstrata, como *feticho*, *jargão*, *objectivo*, *sentido*, *virtuoso*, *pecado*, *gaffe*, *boato*, *assunto* e *disparate*, passando a significar, o *mor*, 'o mais proeminente'.

Outra questão apresentada no artigo, que também reforça a proposição de uma mudança no esquema construcional  $[[X]_N-[mor]_A]_N$ , foi a ausência de pluralização no elemento *mor* no português contemporâneo, como em *enganadores-mor*, *falsianes-mor* e *sapatões-mor*, por exemplo. Essa construção se distancia, assim, em termos morfosintáticos, de compostos sintagmáticos com configuração [NA], em que a concordância, seja de número seja de gênero, é impositiva. Por outro lado, a construção  $[[X]_N [maior]_A]_N$ , comum também no

português arcaico, apresenta uma concordância intratermos quase sistemática, como ficou evidenciado nos dados extraídos do Twitter.

Com base nos dados, procuramos mostrar que o significado 'o mais importante' – o único depreendido dos dados do português arcaico – se transforma em 'o mais proeminente' em usos mais contemporâneos, significado que corresponde, de certa maneira, a uma atitude avaliativa/subjetiva.

**AGRADECIMENTOS:** “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”, e com o Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

## REFERÊNCIAS

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 712-1728 (10 vol).

BOOIJ, Geert. **Construction Morphology.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição.** São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CARDOSO, Jerónimo. **Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]: cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione... / noué omnia per Hieronymu[m] Cardosum Lusitanum congesta; recognita vero omnia per Sebast. Stockhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propriis nominibus regionu[m] populorum, illustrium virorum... adiecit.** - Conimbricæ : excussit Joan. Barrerius, 12 Kal. Iulij ,1570 [20 Junho 1570]. Disponível: < <http://purl.pt/14265>>. Acesso em 20 de julho de 2019.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico.** 6 Vol., Madrid: Gredos, 1980-1991.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. **Morfologia Construcional: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa.** São Paulo, v.58, n.1, 2013, p. 165-193.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LINGUATECA. Disponível em <https://www.linguateca.pt/>. Acesso: 07. Dezembro. 2019.

LOPES, Mailson dos Santos. **Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos**. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico, uma aproximação: léxico e morfologia**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2008.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V; NEVES, M. H. M. (Org.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 15-34.

RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. **Gramática derivacional do Português**. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

ROMERITO SILVA, José . **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **SOLETRAS**, v. 37, p. 83-102, 2019.

SANTOS, Antonia Vieira dos. **Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)**. 2009. 190 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão  $[[X]_N$  de Taubatê $]_N$  no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. **Diadorim**, v. 21, p. 265-290, 2019.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. **Domínios de lingu@agem**, v. 11, p. 468-501, 2017.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações  $[[X - EIR]_N]$  no português arcaico. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013..

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8., n. 2., p. 109-135, 2019.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/>. Acesso: 03. Janeiro. 2020.

*Recebido em 03 de janeiro de 2020.  
Aprovado em 25 de fevereiro de 2020.  
Publicado em 30 abril de 2020.*

**SOBRE OS AUTORES**

**Antonia Vieira dos Santos** é doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2009). É mestre em Linguística Portuguesa pela Universidade de Coimbra (2003). É graduada em Letras-Português pela Universidade de Brasília (1997). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Está realizando estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra, recebendo bolsa CAPES-PrInt. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica, atuando principalmente nas áreas de formação de palavras, léxico e morfologia. Integra o Grupo de Pesquisa PROHPOR - Programa para a História da Língua Portuguesa, sediado no Instituto de Letras da UFBA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2144-8168>

E-mail: [toniavieira@gmail.com](mailto:toniavieira@gmail.com)

**Natival Almeida Simões Neto** é mestre pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde, atualmente, realiza o curso de doutorado. É graduado também pela UFBA. Está como professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana. Integra o Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), realizando pesquisas sobre morfologia, léxico, antropônimo e semântica. Atuou na organização das coletâneas “Dez leituras sobre o léxico” (EDUNEB, 2019), “Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos” (EDUNEB, 2018) e “Redes lexicais: descrições, análises e histórias” (Editora Mares, 2016). É autor de artigos publicados em livros e periódicos nacionais e internacionais.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

E-mail: [nativalneto@gmail.com](mailto:nativalneto@gmail.com)